

Que finalidade unifica a bioética?

*What Purpose Unifies Bioethics?
¿Qué Propósito Unifica la Bioética?*

Hubert Lepargneur *

RESUMO: A bioética apresenta-se vinculada não apenas com os progressos das ciências e das técnicas, com a tolerância que presta atenção real às ações, explicações e justificações ideológicas, empíricas ou morais dos outros, mas também com uma solidariedade vivenciada até economicamente, que torna a competição não um estéril duelo, mas um verdadeiro benefício para cada pessoa e para a coletividade.

PALAVRAS-CHAVE: Bioética. Solidariedade. Dignidade humana.

ABSTRACT: Bioethics concerns not only sciences advances and techniques, tolerance - that gives a real attention to actions and ideological, empirical or moral explanations and justifications of others, but also a deeply lived solidarity, even economically, that turns competition not in a barren duel, but a true benefit for each person and community.

KEYWORDS: Bioethics. Solidarity. Human dignity.

RESUMEN: La bioética se refiere no solamente a avances y técnicas de las ciencias, a la tolerancia que da una atención verdadera a las acciones y a las explicaciones y las justificaciones ideológicas, empíricas o morales de los otros, pero también una solidaridad profunda incluso económicamente vivida, que convierte la competición no en un duelo estéril, pero en una ventaja verdadera para cada persona y la comunidad.

PALABRAS LLAVE: Bioética. Solidaridad. Dignidad humana.

* Teólogo moralista. Doutor em Direito.

INTRODUÇÃO

Com o recuo da história percebemos que a bioética integra a globalização que estreita as relações e vínculos dos habitantes desta terra: nesta conhecida evolução, o processo da bioética como lugar de trocas de comportamentos e de idéias no campo da biomedicina era não apenas previsível mas inevitável. No entanto isto suponha preparações, isto é, avanços nas situações em que os seres vivos apresentam dificuldades como no pluralismo das soluções propostas, muitas das quais levantando interrogações éticas. As deontologias clássicas não tinham respostas adequadas para inúmeras destas situações. Trata-se de processos, mas aconteceram rápidos e complexos, tanto mais que os instrumentos de conhecimento e de ação eficaz cresceram por seu lado com uma velocidade que ainda não diminuiu. O interior do corpo humano e os mecanismos de suas muitas funções são muito melhor conhecidos, ainda que não totalmente.

A própria complexidade das situações, inseridas em regiões e culturas bastante diversas, legitima as trocas de saberes, de experiências e das avaliações humanitárias que lhe dizem respeito. A priori todos os agentes são bem intencionados para adotar as melhores soluções em cada caso: esta é a finalidade principal e específica da bioética. O conceito de ciência que progride independentemente de toda ética não é mais aceitável após o processo de Nuremberg. Do outro lado inexistente uma autoridade cujo veredicto se imporá sem muita dificuldade no mundo inteiro; nem a Organização Mundial da Saúde sonha com tal meta e a diversidade das crenças religiosas sempre constituirá uma barreira intransponível para unificar as soluções sobre alguns pontos delicados. Isto significa que o papel e a finalidade da bioética não são destinados a cedo acabar, após ter desempenhado felizmente uma honrável função crítica e mediadora.

Por que uma finalidade?

Não deixa de ser estranho para um cientista materialista que o cosmo, no qual ele recusa suspeitar uma finalidade natural, provoque a emergência de uma finalidade como consciência básica do ser humano. Quando se passa do mundo natural ao mundo humano, a finalidade, consciente ou inconsciente, não pode ser menosprezada: seu papel é fundamental na evolução cultural de nossa espécie, que repercute incessantemente

na evolução cósmica. O universo ético, que caracteriza a espécie humana, provém do dinamismo da finalidade mais alta ou mais globalizante, e consagra nossa responsabilidade. Qualquer que seja nossa explicação do fenômeno, o lugar do sentido está na cabeça humana e se chama finalidade.

Práticas e reflexões éticas deram aos poucos emergência à bioética que mobiliza um vasto leque de disciplinas; sendo ética, não pode desprezar a finalidade, característica do ser humano. Esta finalidade constitui a invisível força de aglutinação de disciplinas em torno de valores que, cedo ou tarde, reclamam a consciência e a justificação de sua própria função. Além de serem indemonstráveis, os princípios têm a propensão de suscitar mais oposições do que os valores, em qualquer área que seja. Os próprios valores exprimem um dinamismo espiritual que, cedo ou tarde, deve buscar sua finalidade; qual seria?

Como meta-ética, a bioética se propõe visar o bem do ser humano, individual e coletivo, escolhendo entre as alternativas de meios que cada situação deixa entrever. Esta visão de conjunto reclama algumas precisões porque o inevitável conflito dos valores, em jogo em cada caso, exige uma certa hierarquização, espontânea ou refletida, o que implica a referência a alguma finalização prevalente.

Como a ética, a bioética não passa de um esforço que nunca tocará sua meta final, a plena e feliz coerência do gênero humano numa terra respeitada, pacífica, entretida, própria a alimentar e suportar a indefinível seqüência das gerações humanas. Reparámos algumas das inúmeras incoerências persistentes. Os nove bilhões de dólares gastos nos Estados Unidos, anualmente, em produtos cosméticos, representam uma soma superior ao custo que exigiria o acesso ao ensino de todas as crianças do mundo.

Os vários presos, no sul do Brasil, aprisionados por furto de um real, ainda não julgados após dois anos, custam mais de 2.000 reais cada um ao tesouro público. No seu livro "Como temos arruinado nossos filhos", Artus e Virard⁽¹⁾ salientam a incoerência francesa de multiplicar para os descendentes uma dívida que cedo ou tarde explodirá, não se sabendo como. Sendo harmonização racional, a bioética não pode admitir este gênero de multiplicação indefinível da hipoteca que muitos países estão egoisticamente engrossando, por deficiência de sadia e corajosa gestão dos políticos. Mas, afinal, em

nome de qual princípio ou valor estamos chocados por tais ocorrências?

Um dos benefícios das religiões é de apontar finalidades tanto para o crente individual quanto para a humanidade. Mas isso exige uma fé religiosa compartilhada socialmente, numa extensão que não mais existe, se jamais existiu para a humanidade. A globalização acelera o individualismo e a segmentação entre regiões: nem tanto em nome da raça ou da nacionalidade quanto em razão da posse econômica e portanto política dos cidadãos mais bem sucedidos.

Neste sentido o filósofo Luc Ferry⁽²⁾, agnóstico, em "Vencer os medos", propõe uma "doutrina de salvação sem deus". Na sua procura do enfrentamento do mal e da morte, como da construção de um novo humanismo, sua resposta aponta "uma sabedoria do amor". Neste livro o autor, ex-ministro da educação, denuncia (talvez com certo otimismo) "uma sociedade cheia de moral, mas carente de sentido". É precisamente a finalidade que cria o sentido. Isto valida certa passagem da problemática de princípios indemonstráveis para valores compartilhados pelo coração de multidões, nesta "inteligência do coração" valorizada por Pascal. Afinal sabemos que a Bioética procura mais convergências de normas, de maneiras de agir, do que de justificações teóricas repousando sobre filosofias, ideologias ou religiões inconciliáveis. "Não carecemos de ética, mas de espiritualidade" repete o livre-pensador Luc Ferry. Isto não significa que terminou a tarefa da bioética, mas que a estrada de sua caminhada está livre, em princípio. Como a ética, a Bioética tenta resolver os problemas existenciais que a concernem, no dia a dia, mas sem responder a desafios tais como o sentido da velhice, da decrepitude individual, das guerras inúteis, ou da morte.

Como super e abrangente ética, a bioética está à procura de um valor que lhe sirva de farol e meta, de porto de salvação, de incentivo e ânimo. A fraqueza ou o esvaziamento da maioria das religiões tradicionais (mesmo no Japão) não está preenchida pela multiplicação de seitas evanescentes, e menos ainda pelos adeptos de um secularismo que recusa toda afiliação religiosa institucional que lhe imponha soluções pré-fabricadas.

Multiplicam-se indícios da urgência em fixar uma meta clara à bioética, na área da defesa e promoção da vida. De fato trata-se essencialmente da vida humana, não obstante o valor, relativo, dos outros seres vivos neste planeta, cuja maioria depende direta ou indireta-

mente da atuação humana. "Quando a China e a Coreia do Sul o decidirem, o regime do Norte desmoronará".

As intersolidariedades são um dado, antes de constituir um princípio ou um valor.

Que finalidade escolher para a bioética?

Vimos que a finalidade capaz de englobar os esforços bioéticos reside mais num valor do que num princípio, e a forte necessidade não muda nada disso. Aliás um valor pode fundamentar vários princípios, como um princípio pode justificar várias normas. A força de um valor reside na percepção de seus agentes convencidos e na força de sua atração. O cientista Nicolas Hulot⁽³⁾, assim resumiu o desafio global: "Nenhuma democracia, nenhum projeto social, nenhuma economia poderá resistir à combinação do esgotamento dos recursos naturais, das convulsões climáticas e da pobreza.

A espiral resultante escapará provavelmente à humanidade". Verifica-se a sentença de A. Einstein: "Nossa época se caracteriza pela profusão dos meios e a confusão das intenções." Em toda pendência bioética podemos distinguir uma intenção imediata que, na reflexão, pode se coordenar com outras intenções imediatas para se fundir ou convergir na própria finalidade da bioética.

Não saímos do contexto de uma bioética amplamente considerada: tudo isso está a serviço da vida, especial e prioritariamente da vida humana. A própria moral já está a serviço da vida humana situada no seu contexto ambiental social, natural e histórico, isto é, cultural. Não é a desigualdade que cria problema em si: não apenas ela é universalmente natural, sempre existiu e sempre existirá, a serviço da própria dinâmica dos seres históricos. Seriamente problemático é o excesso, atual e progressivo, da concentração dos recursos de todo tipo, basicamente financeiros, que asfixia a percentagem crescente da população mundial que carece dos meios de sobrevivência. O agravamento da situação, que não pode escapar a uma percepção global da bioética, se origina na última evolução do liberalismo capitalista que confere um crescente poder econômico e, portanto, político aos acionistas agrupados nos maiores Fundos de investimento, sejam eles de pura especulação ou de aposentadoria, completada por um poder excessivo dos maiores dirigentes das transnacionais na auto-determinação de seus proventos e privilégios de toda sorte.

O cultivo universal do melhoramento da vida não pode prescindir de suas bases econômicas.

A bioética constitui uma plataforma de escolha para promover mais vida saudável, em benefício do maior número possível de pessoas. Nisso está inscrito sua relação com a ecologia e com a economia, para não dizer com a justiça, isto é, a ética *tout-court*. Como exprimir este dinamismo para o bem vital? Existem várias proposições. Ao negligenciar drásticas reformas que se afigurariam como necessárias, peritos prevêem o que nos espera no fim do século: quatro bilhões de seres humanos com falta de água, sobretudo potável, liquefação das geleiras, elevação perigosa do nível dos mares e da temperatura, eliminação de povos. A elevação do nível de CO² e da temperatura parece inexorável. Isto não significa que seja fácil conciliar a luta pelo meio ambiente, a urgência social e sanitária e o crescimento econômico sustentável.

O valor-fim procurado deveria servir para hierarquizar tais necessidades vitais individuais e comunitárias, mas a experiência parece confirmar que toda hierarquização de valores é problemática. Enfrentamos de fato várias proposições.

Sugestões para definir a Bioética

Nosso preâmbulo significa que estamos procurando uma definição da bioética que expresse ao mesmo tempo sua essência e sua finalidade, que temos demonstrado solidárias. Por isso achamos insuficientes certas qualificações pouco exaustivas, porque ressaltam um aspecto, ocultando outros não menos importantes, isto é, sem atender à globalidade desta disciplina, ou apontam uma subdivisão excludente de outras. Assim a bioética pode ser laica ou religiosa, mas ficamos aqui no terreno secular, sem prejudicar aportes de crenças minoritárias, por importantes e legítimas que sejam.

Se o perito achar que há muito para reformar no campo bioético do momento, ele pode falar em "bioética de intervenção" ("bioética dura" que deve precisar ainda a direção geral de seu voluntarismo proclamado). Se sua sensibilidade o leva a acentuar a proteção aos seres mais vulneráveis, o perito pode falar em "Biologia de proteção", mas uma porção de intervenções escapam deste temário e são suscetíveis de melhorar a condição humana; de qualquer maneira, este bioeticista deverá precisar quem ele entende proteger e de que perigos.

Na esteira da teologia da libertação, podemos falar em "bioética de libertação", mas tal temática parece

muito ideologizada, clausurada num conceito de libertação que tem de deixar clara a visão dos inimigos ou obstáculos de que ela se esforça de se livrar. A bioética nos parece antes essencialmente construtiva e não na defensiva, combatendo inimigos verdadeiros ou supostos, sem dispensar a necessidade de classificar a periculosidade dos inimigos de que se deve defender, segundo uma ordem de urgência adaptada a nossos meios e necessidades vitais.

A abrangência da bioética, que temos também chamado de super-ética, pedindo ajuda de muitas disciplinas conexas, sugere a expressão da "bioética de reflexão autônoma", mas criando equívocos. Toda pesquisa científica, (como toda obra de arte) deve ser autônoma no espaço de sua competência, mas o estatuto próprio da bioética lhe atribui o encargo de debates entre proposições incompatíveis, todas bioéticas; então, são autônomas cada uma das contribuições e não tanto a própria bioética.

Falar em "bioética feminina" é privilegiar um ponto de vista que ninguém julgará auto-suficiente e suficientemente abrangente. Constituiria uma proposição ao lado de outras, na discussão global. Se não, arriscamos ver bioéticas racistas ou declaradamente machistas, em contra-ataque. Se a bioética é divina, não é seguro que a divindade seja uma mulher.

Ponto de vista mais abrangente seria falar em "bioética de referências éticas": a expressão é incontestável, mas não define nem sua essência nem sua finalidade. Por que, afinal, acumular referências éticas?

Parece mais razoável incluir, na expressão sintética que desejamos, a referência fundamental ao ser humano que é pessoa, centro real da preocupação em questão, salientando a superação de um individualismo estreito, evocando por isso a solidariedade que nos afeta e une.

Se houver entre nós uma preferência, que ela seja eticamente dirigida para compensar as desigualdades sociais excessivas e cuidar com empenho do caso dos menos privilegiados. Trata-se de operar as melhores escolhas para cuidar da saúde de todos, sem omitir as necessárias pesquisas suscetíveis de melhorar nossa saúde e a das gerações futuras.

Nossa opção: o personalismo solidário

Com o personalismo está realçada a dignidade da pessoa humana que, mais do que um título honorífico, deve ser um princípio de ação, do qual nenhum ser

humano deveria ser excluído. O ser humano é o ser vivo mais importante do planeta e, apesar das importantes desigualdades, do regime político vigente, das omissões políticas ou sociológicas, a bioética constitui um instrumento para tentar recuperar os excluídos salváveis.

Em muitos países substanciais progressos foram realizados; resta muito por fazer. Nenhum outro animal merece tanta consideração e cuidados, notadamente porque nenhum desfruta de tanta consciência e assume tanta responsabilidade.

A moral é disciplina humana, como também a bioética. Nunca o ser humano pode deixar de ser solidário com seu ambiente e sobretudo com as comunidades às quais pertence; por isso o personalismo implicado na bioética deve ressaltar explicitamente sua dimensão de solidariedade, tanto factual quanto normativa.

Vale conferir esta proposição com a teoria tridimensional do jurista Miguel Reale. Toda instituição do Estado, repetia este eminente sábio, deve aliciar-se sobre três pontos básicos, sem excluir nenhum deles: *fatos, valores e normas*. Todas as pendências com as quais a

bioética é levada a tratar repousam sobre dados factuais de nossa história, situações reais de crise ou de alternativas embaraçosas e complexas, trazendo dilemas que exigem extrema atenção aos dados e *fatos*. A avaliação requerida da atuação mais conveniente neste contexto faz apelo a juízos de *valor*, cultural e moralmente confiáveis. Como os desafios são concretos, exigem quadros de avaliação que a cultura providencia ou, na sua falta, que o pesquisador deve montar, *normas* expressivas dos valores que, no caso, mais exigem respeito e atendimento. Por fim, lembramos que as construções normativas, na bioética como no direito, já incluídas no biodireito já constituído ou em formação, têm por fim o bem comum, que inclui as condições de vida humana dos cidadãos menos providos.

A tais normas da sociedade civil, sabemos que as religiões institucionalizadas acrescentam normas às quais aderem ou deveriam aderir os crentes de tais denominações, cuja explicitação não entra nesta exposição de bioética secular, que permanece aberta.

REFERÊNCIAS

1. Artus P. Virard, MP. Comment nous avons ruiné nos enfants? Paris: La Découverte; 2006.
 2. Ferry L. Vaincre les peurs. Paris: Odile Jacob; 2006.
 3. Hulot N. Le Nouvel Observateur de 20 dez 2006.
-